

VELHICE E ENVELHECIMENTO: VELHAS IMAGENS, NOVAS ATITUDES

Francisco Gilberto Rodrigues da Silva, Francisca Adriana dos Santos Silva, Adriana de Oliveira Alcântara

Universidade de Fortaleza, latosensu@unifor.br

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população mundial e, especialmente, a brasileira, é um fato concreto, e em escala crescente. Sua magnitude tende, consideravelmente, a influenciar as políticas públicas, pois as consequências serão em todos os âmbitos, seja na saúde, na economia, na previdência, na família, isto é, constitui uma questão para toda a sociedade.

Simone de Beauvoir, uma das mais célebres escritoras francesas, já exprimia que “Velho é o outro”. Os inscritos de significados, como este do dicionário Aurélio reafirma: “Velhice: estado ou condição de velho, o último quartel da vida” e nesse mesmo dicionário sobre Velho temos: “quem tem idade avançada, idoso, velho, que existe há muito tempo, antigo.”

Para tanto, faz-se necessário ampliar o conhecimento acerca de todos os aspectos pertinentes ao envelhecimento, à velhice e à pessoa idosa, no intuito de compreender melhor e mais adequadamente suas características, demandas, anseios, e necessidades e, com base nisso, elaborar mecanismos de atenção, proteção e promoção ainda mais eficazes em seu atendimento, respeitando, sobretudo, a sua maioria populacional.

Os autores deste trabalho são profissionais que atuam na área da assistência social, desenvolvendo a Política de Assistência Social dentro da Proteção Social Básica, nos âmbitos estadual e municipal, como trabalhadores do Sistema Único de Assistência Social - SUAS. Assim, desenvolvem ações, projetos, programas e serviços junto ao segmento da pessoa idosa, por meio do Serviço de Convivência e

(83) 3322.3222
contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

Fortalecimento de Vínculos para pessoas idosas que integra a Política de Assistência Social para este segmento, tanto na Capital como no restante do Estado do Ceará.

METODOLOGIA

Pesquisa de natureza qualitativa de cunho exploratório descritiva de artigos com um percentual de 70% destes, e em livros com um percentual de 30%, publicados nos últimos 10 anos, portanto entre 2003 a 2013, acerca do tema em território nacional e nas bases de dados: Scientific Electronic Library Online-SciELO.

Levantamento bibliográfico ou pesquisa bibliográfica, tendo em vista que a mesma busca abranger toda a produção científica realizada acerca do tema de estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A velhice na Modernidade é muitas vezes sentida e vista como o “não lugar”, aquele lugar” que não penso, não sei e não quero estar; é o diferente, o estranho, o desconfortável, sinônimo de recusa e banimento, como aponta a citação abaixo:

“Nas sociedades modernas, a velhice é sinônimo de recusa e banimento”. Recusa vestida com diferentes roupagens: algumas, bastante evidentes, passam pela segregação e pelo isolamento social, ruptura dos laços afetivos, familiares e de amizade, pela negação do direito de pensar, propor, decidir, fazer, pela expropriação do próprio corpo; outras, mais sutis, são encontradas no tom protetor, muitas vezes cercado de cinismo, com que lidamos com os nossos “velhinhos”. (ALMEIDA, 2003, p.41).

Alcântara (2010, p.15) usa e defende o termo velho, na medida em que busca demonstrar que a sociedade visa a obscurecer e negar essa condição do sujeito da velhice, ao empregar vocábulos que camuflam o papel social que esse idoso pode exercer na sociedade em que vive.

Essas roupagens as quais geram essas atitudes ora citadas são reforçadas por muitos mitos e preconceitos relacionados à velhice, dentre os quais podemos citar: “Todo idoso é igual”; “Todo idoso é teimoso e ranzinza”; “O idoso é assexuado”; “O idoso não tem capacidade de aprender”; “O idoso é igual a criança”, “Velhice é sinônimo de doença”. Essa última citação, por exemplo, ao contrário do que se apregoa na sociedade, envelhecer não é sinônimo de fragilidade e doenças, pois muitos dos idosos “acometidos” pelas chamadas patologias características da

terceira idade (hipertensão arterial sistêmica – HAS e Diabetes Mellitus), dentre outras, são pessoas que participam da vida social de maneira ativa, apesar das “doenças”. Isto significa dizer que envelhecer não é o período da vida que traz somente perdas, pois pode ser também o momento em que surgem possibilidades para a realização de antigos e/ou novos projetos de vida. Envelhecer com algum tipo de doença, seja crônica ou aguda, não é determinante de incapacidade, pois os tratamentos são possibilitados e, quando garantidos de forma satisfatória aos idosos, os conduz a obter uma vida cada vez mais independente e ter garantida a autodeterminação, ou seja, gerir sua vida com maior independência e, quando estimulados positivamente e imbuídos de condições de desenvolver suas potencialidades de forma favorável, pode-se possibilitar com isso cada vez mais a vivência de sua autonomia, liberdade, bem-estar e, assim, a sua inclusão social. Corroborando o mencionado, apontamos o conceito de capacidade funcional com base no que expressa Veras (2003, p.13),

[...] capacidade funcional, ou seja, a capacidade de manter habilidades físicas e mentais necessárias para uma vida independente e autônoma [...] capacidade funcional surge como um novo conceito de saúde, mais adequado para instrumentalizar e operacionalizar uma política de atenção à saúde do idoso.

No início do trabalho social com idosos, no ano de 2006, em um grupo de convivência da zona urbana de uma grande capital, havia uma inquietação por parte da equipe de profissionais de como se fazer o trabalho com os “velhos frágeis e dependentes”; talvez tenha sido uma atitude preconceituosa e equivocada provocada pela falta de conhecimento a respeito de pessoas nesta faixa etária. No decorrer do tempo, no entanto, com a realização do trabalho, pôde-se perceber nestes “velhos” um envolvimento e uma energia ao participarem das atividades propostas (teatro, danças e outras), bem como o interesse em aprender novas experiências, como a ler e a escrever.

Assim, em resposta a esta solicitação, foi favorecido o acesso desses idosos a aulas no programa de alfabetização para adultos, e muitos destes conseguiram alfabetizar-se. Na culminância do projeto, houve também o acesso a uma nova documentação civil, pois puderam trocar a carteira de identidade (RG) na qual

constava sua assinatura, além disso, foi realizada a festa de colação de grau, concretizando assim segundo estes o “sonho” que tinham da leitura e da escrita.

A “concretização” do antigo projeto dos idosos corrobora a citação a seguir:

Para um envelhecimento bem-sucedido, é necessário que haja a substituição simbólica das inexoráveis perdas por ganhos em outras dimensões, o atendimento às necessidades sociais (boas condições de vida e oportunidades socioculturais) e a renovação dos projetos de vida. (CALDAS, 2007, p.3).

A visão equivocada do início foi aos poucos sendo mudada, pois os idosos a cada dia demonstravam entusiasmo, participação e envolvimento nas atividades propostas e podem-se assim ser percebidos não mais como “frágeis”, e sim como pessoas com potencialidades e capacidade de aprendizado sempre que estimulados de forma proativa e adequada à sua condição de envelhecimento. Percebemos, sobretudo, que a falta de atenção, apoio e oportunidade, principalmente por parte dos familiares, contribui para uma idealização e estereótipo do “ser velho”. Percebe-se, hoje, que o idoso é muito mais fragilizado pela falta de acolhimento e respeito a sua condição peculiar de cidadão velho do que pelas doenças; o abandono apresenta-se como um dos maiores causadores da fragilidade e dependência a que estão expostos os idosos.

Ao se relacionar a construção social da velhice à configuração das relações entre trabalho e o capital, sob a óptica do modo capitalista de produção, observa-se conforme cita Birman apud Veras,

Estando em pauta a possibilidade sócio-política da reprodução e acumulação de riqueza, as diferentes etapas etárias da história do indivíduo passaram a adquirir valores diversos, de acordo com suas possibilidades para a produção de riqueza. A velhice passa a ocupar um lugar marginalizado. Na medida em que a individualidade já teria realizado seus potenciais, perderia então seu valor social “(1994.p.40)

Por todas as décadas de invisibilidade, hostilidade e sem garantia de direitos e dignidade, os idosos construíram e viveram com um “ideário” de estigma e inconformidade diante dessa situação, pois muitos deles acabam não aceitando seu próprio processo de envelhecimento, tendo dificuldade de estabelecer convívio e contato com o meio, principalmente, com as pessoas mais jovens o que muitas

vezes gera conflitos e um processo de “rejeição”, ou “não relação” bilateral, ou seja, da sociedade (jovens) para os idosos e vice-versa.

CONCLUSÃO

Observando as atitudes dos envelhecetes hoje, podemos perceber uma grande diferenciação em relação aos “velhos” de outros tempos, caracterizados por seus hábitos culturais. O homem após a aposentadoria limitava-se a ficar em casa de pijama ou sentados em praças jogando dominó ou baralho. Já as mulheres continuavam presas às atividades domésticas haja vista não terem direito a aposentadoria porque, na época, era rara a participação da mulher no mercado de trabalho; então, passavam a velhice a serem “vovós” limitadas a frequentar as igrejas, a fazer “comilanças” para os netos, dentre outros; isso quando casadas, pois as mulheres solteiras nem sempre eram avós.

Essa caracterização da vivência da velhice como antigamente, ainda é encontrada nos dias de hoje, mas é também complementada e ampliada, haja vista o fato de que os idosos da atualidade vivem em condições diferentes dos de antigamente, no que diz respeito ao acesso a questões da saúde, educação, da emancipação feminina, do privilégio de participar dos avanços das Ciências Médicas. Estão apropriados de direitos que antigamente não existiam e tudo isso possibilita a pessoa idosa na atualidade ter uma vida mais dinâmica com mudanças significativas no seu modo de viver.

Os idosos atualmente podem, também, se oportunidade houver, experimentar um novo jeito de envelhecer ao ter contato com as transformações culturais e tecnológicas de forma direta ou indireta, buscando, pela realização pessoal, os vínculos amorosos e afetivos e, principalmente, traçando sonhos e projetos de vida; tudo isso buscando desconstruir os preconceitos reproduzidos e vivenciados pelos idosos.

Ressaltamos, contudo, que esta realidade se exhibe, sobretudo, em uma situação de vivência da velhice por idosos com certas condições financeiras, favoráveis para custear as necessidades básicas, principalmente a da saúde e em sua maioria reside em grandes centros urbanos que favorecem o acesso a tais condições. Em

sua maioria, as pessoas idosas em nosso País vivem numa sociedade cada vez mais desigual que as condiciona a uma situação de sobrevivência e de vulnerabilidade e risco social, que não favorecem o acesso adequado às suas necessidades básicas e que faz do idoso um ser invisível socialmente.

Bois, em 1994, em sua *Histoire de vieillesse*, afirmava que o século XVIII era de otimismo em relação à velhice, talvez nunca vista em séculos anteriores. Hoje, o que se nota é uma inversão desses valores, que é fruto entre outros fatores, da Revolução Industrial, dos avanços tecnológicos e da valorização excessiva de teses desenvolvimentistas, que têm como objetivo a força de produção, obviamente muito mais próxima dos jovens do que dos idosos.

REFERÊNCIAS

As Múltiplas faces da velhice no Brasil/ Olga Rodrigues de Moraes von Simson, Anita Liberalesco Neri, Meire Cachioni, organizadoras.- Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2006;

YUASO, Denise. Como envelhecer bem? / Denise Yuaso, Matheus Papaléo Netto. São Paulo: Paulus, 2009, (Coleção questões fundamentais da saúde; 18).

VENTURINI, Gustavo; BOKANY, Vilma. A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. In NERI, Anita Liberalesco de et al.(org.). Idosos no Brasil vivências desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: SP, 2007 p.21 – 31. SABO D. O. Estudo crítico das masculinidades. In. Adelman M, Silvestrin CB (Org.), SIMSOM, Olga R.M; NERI, Anita le.; CACHIONI (org.). As múltiplas faces da velhice no Brasil. Campinas: alínea, 2006.

AGRADECIMENTOS

Agradecer aos que nos apoiaram não é um mero dever de justiça, é, acima de tudo uma riqueza humana que se incorpora à nossa vida